

O ESTUDO BÍBLICO

Erni Walter Seibert

Nos últimos anos, uma expressão que está sendo muito usada na igreja é “estudo bíblico”. Muitas pessoas falam da necessidade de mais estudo bíblico na igreja, da importância do estudo bíblico e assim por diante. No entanto, esta expressão “estudo bíblico” está se demonstrando ser polissêmica, isto é, tem um significado para cada pessoa que a ouve e para cada pessoa que a pronuncia. O que, afinal de contas, é um “estudo bíblico”?

Já vimos a expressão “estudo bíblico” ser usada para designar uma série de acontecimentos. Entre eles, podemos citar: uma palestra dada a um grupo ou departamento da congregação; um sermão “diferente”, que não é dado do púlpito; a explicação de um texto bíblico; o estudo de um livro da Bíblia; o estudo de um tema qualquer utilizando textos bíblicos.

Em alguns lugares é comum as pessoas distinguirem entre o culto regular e o estudo bíblico. Um acontecimento é o culto regular, outro é o estudo bíblico. São dois acontecimentos separados. Quando culto e estudo bíblico são feitos dessa forma, um depois do outro, em geral, acontece a experiência de que o culto tem maior frequência do que o chamado estudo bíblico. Existem outros ainda que distinguem o estudo bíblico do culto mudando a forma como um e outro são realizados. No culto são utilizadas roupas litúrgicas e no estudo bíblico não. No culto usam uma liturgia mais formal e no estudo bíblico não seguem uma seqüência muito rígida.

Neste artigo queremos abordar alguns aspectos daquilo que é entendido por “estudo bíblico”, provocando algumas reflexões sobre um tema que está recebendo bastante atenção. Neste trabalho vamos nos referir ao estudo bíblico como sendo aquele momento em que a congregação ou um grupo da congregação se reúne em torno da Palavra de Deus para estudar um texto bíblico ou um tema bíblico.

1. Quanto ao conteúdo

1.1. Diferença entre o estudo bíblico e o estudo de tema bíblico

Uma primeira diferença que precisa ser constatada na abordagem do “estudo bíblico” é a distinção entre texto bíblico e tema bíblico. Tema bíblico seria o estudo de um assunto abordado nas Sagradas Escrituras, a

partir de vários textos bíblicos. Exemplos de temas bíblicos são: a oração, o batismo, as ofertas, as boas obras. Estes temas podem ser estudados a partir de vários textos bíblicos.

O que caracteriza o estudo de um tema bíblico é que ele não se encontra fundamentado apenas num texto da Bíblia. Normalmente os estudos doutrinários são estudos de temas bíblicos. A grande maioria dos estudos feitos na igreja, embora recebam o título de “estudos bíblicos”, na verdade são estudos de “temas bíblicos”. Estes estudos são possíveis e até mesmo necessários na igreja. Importa, entretanto, que, ao serem feitos, seja dada a devida atenção à Bíblia. Estudar um tema bíblico e citar textos bíblicos que confirmem o tema estudado implica em fidelidade ao texto bíblico e ao que ele quer dizer.

O estudo bíblico propriamente dito é o estudo de uma perícopa ou livro da Bíblia por um grupo da igreja ou pela igreja toda. Infelizmente este tipo de estudo não recebe, ao nosso ver, a atenção suficiente. Embora textos bíblicos sejam lidos nos cultos e em várias ocasiões na vida da igreja, são poucas as vezes em que estes textos realmente são estudados com o povo. Aquilo que seria um “estudo bíblico”, na mais legítima acepção da palavra, recebe uma atenção secundária.

1.2. Fidelidade ao que o texto em foco diz

De qualquer forma, estudando um tema bíblico ou um texto bíblico, importa ser fiel às Escrituras e basear-se realmente no texto bíblico citado. Muitas vezes teorias pessoais são ensinadas, aspectos culturais ou sociais são transmitidos, sob o pretexto de que está se realizando um estudo bíblico. Estudar o texto bíblico, ver o que a Bíblia realmente está dizendo, fazer exegese na mais legítima acepção da palavra, abre os horizontes da fé para aspectos novos, que justamente podem romper com nossas convicções culturalmente condicionadas. Uma das maiores revoluções que se pode provocar na igreja é estudar a Bíblia, a Palavra de Deus. Para exemplificar, podemos mencionar duas situações bastante comuns. Num caso, a pessoa ensina uma verdade, aponta um texto bíblico como prova, mas o texto não comprova a verdade que a pessoa está querendo afirmar. Embora com boa intenção, nesse caso, o texto bíblico é forçado. Outras vezes a falsa compreensão de um texto leva a pessoa a ensinar algo contrário ao

ensinamento bíblico. Em ambos os casos falta aprofundamento no texto bíblico.

1.3. Lei e evangelho

Um outro aspecto do estudo bíblico que, muitas vezes, deixa a desejar na hora da apresentação, é a correta distinção entre lei e evangelho. Por trás desta questão está latente uma questão hermenêutica: como usar o texto bíblico, ou, com que finalidade nos é dado o texto bíblico.

É comum no estudo de temas bíblicos ouvir várias instruções sobre como deveria ser a vida cristã. Quando se fala na vida em família, se diz como deve ser o comportamento do pai, da mãe e dos filhos. Quando se fala em oração, se diz quando orar, o que pedir, como orar, e assim por diante. Quando se fala em oferta, se diz como deve ser a oferta, quando deve ser dada, como deve ser calculada. Diz-se que com isso se está ensinando como viver a vida cristã e que a lei pregada está sendo usada principalmente em seu terceiro uso, ou seja, como norma. O estudo bíblico é, por assim dizer, o estudo de uma legislação ou normatização da vida cristã.

A questão hermenêutica latente é a seguinte: Cristo é o centro das Escrituras? Qual a necessidade do sacrifício de Cristo para um tal tipo de estudo bíblico? Como é fácil de depreender, se a pregação de Cristo, o Salvador, estiver ausente, houve falha na pregação da lei. Em nenhum estudo bíblico onde a correta distinção de lei e evangelho for feita, poderá faltar o anúncio de Cristo como Salvador. Em outras palavras, mesmo num estudo de norma de vida cristã é preciso a presença do evangelho, ou seja, da boa nova de que Cristo nos salva, pois, como diziam os confessores, a lei sempre condena.

A questão hermenêutica da finalidade das Escrituras está levantada. Se Cristo é o centro das Escrituras, e se ele é o centro das Escrituras como Salvador, isso deve estar presente também nos chamados estudos bíblicos. Por mais perfeito que seja o ensinamento sobre a vida em família, ninguém consegue viver em conformidade com ele. A vida em família cristã só é possível e aceita por Deus por causa da justificação. E a justificação só encontramos em Cristo. Eis porque, em todos os casos Cristo deve ser anunciado. O mesmo é verdade com referência às ofertas, à oração e à vida cristã em geral.

Lei e evangelho num texto bíblico não servem apenas para ver o que um texto apresenta como mandamento e o que ele apresenta como consolo. A lei sempre condena. Pregar a lei, ou ensinar a lei, é também anunciar o juízo que está presente em toda a lei. Pregar o evangelho, fundamentalmente, é falar daquilo que Jesus Cristo fez em nosso favor para que pudéssemos nos ver livres da maldição da lei. Por isso que o evangelho deve estar presente em qualquer anúncio da Palavra de Deus, e nisso estão incluídos os estudos bíblicos. A dinâmica lei e evangelho é fundamental para que haja um bom estudo bíblico.

2. Quanto à apresentação

2.1. Providenciar texto bíblico ou esboço do estudo para todos participantes.

Aqui queremos chamar a atenção para uma questão de ordem prática. Muitas vezes, na hora do estudo bíblico, é solicitada a leitura de tantos textos bíblicos diferentes que boa parte dos presentes passa grande parte do tempo folheando a Bíblia e tentando achar os versículos mencionados. A menção de muitos textos bíblicos não garante que alguém seja realmente bíblico. Os maiores hereges, em geral, citam muitos textos bíblicos. Inclusive entre religiões não cristãs há o costume de citar muitos textos bíblicos. Quando se dirige um estudo bíblico, é muito bom aprofundar o sentido dos textos citados. Boa parte das pessoas têm dificuldade em manusear a Bíblia. A citação de poucos textos, explicando o seu conteúdo e mostrando o que estes textos significam dentro do contexto específico em que se encontram, pode ajudar mais que a leitura corrida de uma série de textos em diversos lugares da Bíblia.

Para isso, é bom escolher, preferencialmente, os textos básicos ou fundamentais e explorar mais o conteúdo deles em lugar de optar por uma leitura de grande quantidade de textos, localizados em diferentes partes da Bíblia. O leitor comum da Bíblia tem dificuldade em se concentrar quando folheia muito a Bíblia, não se detendo em nenhum texto.

Se, em vez de estudar um texto bíblico, está acontecendo o estudo de um tema bíblico, é bom que todos os participantes tenham em mãos, ou escrito na lousa, ou projetado numa tela, um esboço do estudo que está sendo feito. E, se chamamos a isso de estudo bíblico, é importante que a

Bíblia realmente seja usada. Por vezes as pessoas se queixam de que vão a estudos bíblicos e a Bíblia nem é utilizada. Fica mais fácil para elas entenderem que estão fazendo um estudo bíblico se efetivamente a Bíblia é utilizada.

2.2. Diferenças quanto ao número de participantes do grupo.

Outra questão prática que precisa ser observada quando um estudo bíblico é oferecido é quanto ao número de participantes dos grupos. Fazer um estudo com um grupo em torno de 5 pessoas, é diferente que fazer um estudo com um grupo de 10 pessoas e muito diferente ainda do que fazer um estudo com um grupo com mais de 50 pessoas.

Nos grupos até 20 pessoas, o diálogo de perguntas e respostas entre o dirigente e membros do grupo ainda é possível. Em grupos maiores, o diálogo é quase impossível. Mesmo em grupos com poucas pessoas, por razões culturais, sociais e outras, nem sempre o diálogo se dá com facilidade. Em grupos maiores, a conversação entre o preletor e o grupo nem sempre é possível e, por vezes, nem mesmo é desejável. Em grupos pequenos, pode ser criado um ambiente de fraternidade e confiança em que a maioria das pessoas se sente bem em falar. Em grupos maiores, boa parte das pessoas se sente constrangida se tiver que falar. Além disso, a grande maioria das pessoas não tem treinamento para falar em público. Quando o dirigente do estudo insiste que as pessoas falem, muitas vezes acontece que alguém não treinado para falar em público se expressa com pouco volume ou má dicção de forma que só as pessoas mais próximas conseguem ouvir. Isso não traz proveito para o grupo todo. Outra experiência muito comum é que sempre os mesmos falam. São as pessoas mais desembaraçadas, ou aquelas que monopolizam o diálogo. Outras vezes acontece que pessoas ficam muito receosas de que sejam solicitadas a falar e, com isso, não conseguem nem prestar atenção no que está se passando. Nunca se devia constranger alguém a falar em público. A desculpa de que a pessoa, com o passar do tempo, perderá a inibição não é verdadeira. O resultado pode ser exatamente o contrário.

Além disso, são diferentes as técnicas de apresentação de estudos e palestras para diferentes tamanhos de grupos. Não se pode falar para uma igreja com 200 pessoas da mesma maneira como se fala para um grupo de 8 ou 10 pessoas. Esta realidade nem sempre é observada nos chamados

estudos bíblicos. O dirigente do estudo se dirige ao grande grupo como se estivesse falando com um grupo pequeno. Distinguir entre grupos pequenos, médios e grandes implica em usar técnicas adequadas de apresentação do estudo para os diferentes auditórios.

A participação ativa das pessoas num estudo bíblico não se dá apenas quando elas respondem de viva voz ao dirigente do estudo. Muitas vezes uma pessoa não diz nada, não faz nem responde perguntas de viva voz, mas está participando ativamente no estudo. Como conseguir isso? Entra-se aí numa arte que o dirigente de estudo bíblico deve desenvolver. O seu estudo deve ser claro, tratar de assuntos que despertam o interesse e deixar realmente a Palavra de Deus falar. Nesse sentido, um dos aspectos mais interessantes é o de como dirigir perguntas ao grupo.

A pergunta deve ser clara. Não deve ser nem tão difícil que ninguém saiba respondê-la, nem tão óbvia que não representa desafio ao raciocínio. O ouvinte deve ter tempo para pensar na resposta. No entanto, este tempo não deve ser tão longo que se cria um clima de insegurança nos presentes por causa do silêncio. Enfim, perguntar é uma arte que precisa ser desenvolvida.

3. Quem deve dirigir o estudo bíblico

Para concluir, gostaríamos de chamar a atenção para a questão da responsabilidade sobre o estudo bíblico. Luteranos ensinam que o responsável pelo ensino da Palavra de Deus numa congregação é o Pastor. Isso não significa que o Pastor irá ministrar todos os estudos bíblicos que acontecem, mas que ele é responsável pelo ensino na igreja. O líder de estudo bíblico na igreja deve trabalhar sob a supervisão (episcopado) do pastor.

Um outro aspecto que também merece cuidado é o do preparo de quem ministra o estudo bíblico. A pessoa que irá ministrar estudos bíblicos deve receber treinamento adequado para realizar essa tarefa. Dar um estudo bíblico não é nada tão difícil que somente alguém altamente especializado possa fazer. Também não é tão simples que qualquer um pode executar a tarefa a contento. Cada congregação deveria capacitar, pelo menos minimamente, as pessoas que ela pede para dirigirem estudos bíblicos. Para um maior desenvolvimento dos líderes de estudo bíblico, a inscrição num programa de estudos formal, como o oferecido pelo Curso de Diaconia em

Educação Cristão, através do programa da Educação Teológica por Extensão, é desejável.

CONCLUSÃO

A temática do estudo bíblico é ampla e ainda vai merecer muita reflexão. O intuito deste artigo é incentivar que estudos bíblicos continuem acontecendo e que eles sirvam cada vez mais para a edificação do corpo de Cristo.

*Dr. Erni W. Seibert é Professor
da Escola Superior de Teologia
do Instituto Concórdia de São Paulo*